

CIVISMO E EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA REPÚBLICA - JOÃO SIMÕES LO-PES NETO

Elomar Tambara

Eduardo Arriada

No final do século XIX, o pessimismo em relação à população brasileira estava em voga na intelectualidade brasileira. Diversos autores como Nina Rodrigues, Sílvio Romero, mas principalmente Oliveira Viana criticavam o nosso atraso, nossa inferioridade étnica, salientando a superioridade da raça branca, que construíra a Europa. Porém, no início do século XX, já consolidada a República, começam a surgir correntes nacionalistas, que fazem a apologia das "riquezas que dormem em nosso solo", presente em obras como "Por que me ufano de meu país (1902) de Afonso Celso; Minha Terra e Minha Gente (1915) de Afrânio Peixoto; Educação Cívica (1906) de Mario Bulcão; Através do Brasil (1910) de Olavo Bilac e Manuel Bonfim; A Pátria Brasileira (1909) de Olavo Bilac e Coelho Neto; Pátria ! Livro de mocidade (1900) de Alfredo Varela.

O nacionalismo entra definitivamente no cotidiano do país. Em discurso feito em 1915, Olavo Bilac prega a obrigatoriedade do serviço militar encarado não apenas como uma necessidade militar, mas como uma escola de civismo capaz de resolver os problemas nacionais. Isso vai culminar com a criação da Liga de Defesa Nacional em 1916.

Um amplo programa ditava o papel da Liga: "a moralização da política", "o voto secreto e obrigatório", "o combate ao analfabetismo", "a educação cívica", "a melhoria da saúde". (BILAC, 1917)

O início do século XX foi marcado no Brasil por intensa campanha de divulgação dos valores decorrentes da universalização do acesso ao sistema escolar. De certa forma a República procurava plasmar uma identificação com a educação. Este

processo, na verdade, estava associado a alguns valores específicos, dentre os quais se destacavam o civismo e o moralismo patriótico.

Assim, vamos encontrar nos primeiros decênios do século passado um efetivo trabalho desenvolvido por uma plêiade de intelectuais que peregrinaram pelo país na defesa da constituição de um processo de conformação ideológica consentânea com as premissas republicanas em consolidação.

Exemplos destes paladinos foram Olavo Bilac, Coelho Neto, Medeiros de Albuquerque. Este último considerava-se o introdutor da popularização do uso das conferências no Rio de Janeiro. Popularização, aliás, questionada por João do Rio:

Essas conferências cívicas que ocorreram nos anos 10 no Brasil todo eram dadas por literatos e intelectuais, normalmente dirigidas a um público desinteressado e elitista. A maior parte dessas conferências eram ufanistas, elogiando as grandezas da pátria sem nenhum senso crítico.

A cidade só tem uma preocupação, ouvir e fazer conferências! (...) O delírio, a nevrose, a ânsia da cidade, conferências! Sempre conferências! Só conferências! Nós estamos no país das Conferências (João do Rio, 1978:131)

Em verdade, a questão da "educação cívica" era uma ação "missionária" que grassava em todo o continente. Um exemplo disso foi o texto "Instruccion cívica Argentina" escrito por Juan G. Beltran um texto didático para uso nos colégios e na Escola Normal na década de 1910.

No Rio Grande do Sul destacou-se, nesta perspectiva, o trabalho de João Simões Lopes Neto. Apesar de sua obra não ter recebido uma exegese mais profunda, sob esta ótica, é inquestionável que este intelectual teve uma inserção muito intensa na área da educação, e mais do que isto, teve uma efetiva intencionalidade em formatar muitos de seus textos no sentido de

moldar um comportamento mais comprometido com os valores cívico-patrióticos em vigor à época.

Entretanto é questionável a assertiva de que Simões Lopes Neto seja um escritor eminentemente regionalista.

João Simões Lopes Neto foi, sem dúvida alguma, um escritor provinciano. Tendo vivido quase toda a sua existência em Pelotas sem nenhum contato com a vida literária do resto do país e nem sequer do Estado (apesar de fazer parte da Academia Riograndense de Letras) sua atividade literária se caracteriza, em boa parte, por uma ausência de qualquer atividade mais ampla (Filipouski et alli, 1973:22)

É nossa tese de que ao contrário Simões Lopes Neto esteve efetivamente engajado num projeto de cunho continental que primava pela divulgação e consolidação de um ideal cívico-patriótico que plasmou a consolidação do republicanismo nesta região. Este processo de "apostolização" do civismo pode ser dimensionado em diversas iniciativas de João Simões Lopes Neto. A) O projeto terra gaúcha (livro didático); B) As conferências cívicas; C) A semana centenária; D) os Cartões postais

Quando o jornalista Carlos Reverbel "descobriu" adormecido Os Casos do Romualdo no rodapé do jornal Correio Mercantil de Pelotas publicando-os em livro, em 1952, pela editora Globo, Mozart Victor Russomano, acertadamente, afirmou que João Simões Lopes Neto, "literariamente, era um manancial apenas parcialmente conhecido".

Desde então, diversos textos e originais do autor têm sido exumados. Particularmente, em relação a textos didáticos ou para-didáticos, alguns trabalhos têm redimensionado a percepção de muitos investigadores em relação à obra simoniana e sua vinculação com a área da educação.

Em 1955 apareceu Terra Gaúcha com apresentação de Manoelito D'Ornellas e introdução e notas de Walter Spalding. Embora, trata-se de um texto didático (uma história elementar do

Rio Grande do Sul). Não devemos confundir essa obra publicada pela Editora Sulina, com o outro projeto acalentado por João Simões Lopes Neto e por ele divulgado diversas vezes em suas conferências:

Sonho fazer um livro simples, saudável, cantante de alegria e carinho, que os homens, rindo da sua singeleza o estimassem; que fosse amado pelas crianças, que nele, com a sua ingênua avidez, fossem bebendo as gotas que se transformassem mais tarde em torrente alterosa de civismo(...) que pudesse condensar o coração meigo, valente e virtuoso da mãe brasileira; a serenidade dos nossos heróis, a independência e a firmeza dos nossos maiores, a probidade dos nossos estadistas(...) que ressalta-se a terra, o povo, a pátria(...) Sonho fazer um livro assim que concretizasse a tradição, a história, ensina-mentos cívicos e as aspirações pátrias.

Neste projeto, o escritor buscou fazer um livro simples, de linguagem clara, agradável aos pequenos leitores, um livro para o ensino primário bem escrito, patriótico e que valorizasse a realidade sul-rio-grandense. A elaboração desse texto didático representou, sob certo sentido, o projeto mais dentro da ortodoxia efetuado por Simões Lopes Neto nesta área. Constitui-se num texto que claramente adotava uma prática estilo-literária muito em voga à época e que se inspirava na obra de Edmundo D'Amicis "Cuore". Apesar de extremamente popular, também no Brasil, é preciso levar em consideração que provavelmente Simões Lopes Neto tomou contato mais intenso com esta obra por ocasião da publicação de sua publicação pela Livraria Universal de Pelotas em 1907.

Assim como Simões muitos outros autores tiveram iniciativas semelhantes, como o texto de F.Farias com a obra "Coração Brasileiro (Palestras Morais e Cívicas)".

Sem dúvidas, a tentativa de ver sua obra adotada nas aulas públicas do Rio Grande do Sul consistia uma das grandes metas de vida de Simões Lopes, em consequência, a recusa do

Conselho de Instrução pública que vetou sua adoção nas escolas públicas do Rio Grande do Sul transformou-se numa mágoa que Simões nunca assimilou inteiramente.

Essa obra a ser publicada teria um perfil eminentemente didático e João Simões Lopes Neto queria que a mesma fosse adotada nos colégios e destinada às primeiras leituras das crianças no ensino primário, tinha como inspiração as obras "Educação Nacional" de José Veríssimo e "Porque me ufano do meu país" de Afonso Celso.

Na tentativa de editar essa obra o próprio escritor deixou um "rastro de pistas" denotando uma efetiva preocupação como um projeto de popularização da Educação. Em 1909 ao publicar a lenda "A M'boi-tatá" no Correio Mercantil, referiu-se como sendo do "livro Terra Gaúcha". Em 1911, no número sete da Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, ao editar o conto "A Recolhida" registrava ter sido extraída "do livro escolar Terra Gaúcha".

Em seu prefácio à obra homônima, Manoelito D'ornellas, esclarecia dúvidas: "Terra Gaúcha" constituía, para ele, assim como um complemento da obra também inédita que dedicara à juventude rio-grandense, com o título de "Eu, no Colégio" e que fora, na época, recusada pela Direção do Ensino Público do Estado, sob a alegação de uma desconformidade ortográfica. No trabalho de feição elementar, como foi o do pequeno manual de iniciação na história, nos hábitos, costumes e tradições gauchescas, João Simões Lopes Neto deixou muito daquela simplicidade humana que ele soube comunicar às páginas vivas dos "Contos Gauchescos". E é possível que o autor de "Lendas do Sul" houvesse pensado no imenso benefício que representaria à formação moral e espiritual das novas gerações do Rio Grande, esse pequeno livro de leitura que lhes falaria dos fatos históricos nacionais na linguagem acessível e própria da terra.

Aparentemente, neste quadrante de sua vida Simões Lopes Neto, estava com a mente eivada de projetos, e freqüentemente reutilizava textos, reestilizava outros já

desenvolvidos, como recortava composições constituindo novos trabalhos.

Artinha da Leitura (João Simões Lopes Neto)

Dentro da consolidação do projeto republicano no Rio Grande do Sul, todas as esferas de poder eram controladas pelos detentores do poder. A "ditadura" castilhistas controlava ferrenhamente todas as instâncias, não sendo diferente em relação à instrução pública. A aprovação de métodos, livros didáticos, cartilhas, etc., a serem adotados deveriam passar pelo crivo das autoridades. Nos diversos relatórios governamentais, na seção intitulada "Livros Escolares", podemos verificar a atuação desse órgão. Seguindo os trâmites burocráticos, João Simões Lopes Neto, encaminha a obra "Artinha de Leitura dedicada as escolas urbanas e rurais", com um subtítulo onde registrava a continuação da obra referida: "A seguir: Eu na escola; terra gaúcha; hinos e storias do Brasil, Pelotas, 1907).

Declarava que: "ler e escrever devem andar de par; e pois, logo de começo faça por que o aprendiz vá ajeitando-se, educando a mão, os dedos, a segurar o lápis". Opinava ainda que: "é corrente em pedagogia que não é pelo nome da letra mas pelo som dela que o iniciando há de aprender a ler; forma, som e nome da letra são os elementos que a um tempo embarçam o aprender. Tal processo [...] parece que obedecem primordialmente o método João de Deus, a ele orientou-se o de Hilário Ribeiro, e a seguir, outros".

De acordo com as Atas das Sessões do Conselho da Instrução Pública, temos a seguinte notícia: "5º Sessão. Aos vinte e um dias do mês de julho de 1908. [...] Passou-se à ordem dos trabalhos. Foram apresentados ao Conselho para julgamento os livros: Histórias de Nossa Terra de Julia Lopes de Almeida e a Cartilha de Leitura: Série Brasileira de J. Simões Lopes Neto. Em tempo declaro que este último trabalho foi apresentado em manuscrito. [...]. Na 6º Sessão consta: "Sobre a Cartilha Primária "Série Brasileira", em manuscrito, de J. Simões Lopes Neto, entende o Conselho que, não podendo o Estado impor a ortografia seguida pelo autor, deve ser reparado o trabalho por

estar em desacordo com o regulamento e não obedecer ao critério do ensino. Protásio Alves, Álvaro Batista, Manuel Pacheco Prates. 25.07.1908".

João Simões Lopes Neto era um espírito voltado para os temas da educação: vibrátil às manifestações do civismo e suscetível de arroubos sem ufanismos, na exaltação da Pátria. Cuidou de imprimir e distribuir folhetos e postais com legendas e símbolos e até as insígnias das armas brasileiras".

No jornal "Correio Mercantil", por meio de uma circular solicitou o envio de gravuras, vistas de cidades, fotografias, estampas ou reproduções de quadros que retratassem episódios históricos, monumentos e placas para ilustrar o seu livro escolar "Terra Gaúcha". Nesse mesmo jornal em 24.11.1904, noticiava-se por palavras do escritor que esse livro era destinado "aos pequenos leitores, com a finalidade de incutir o conhecimento e a notícia dos homens e fatos do Brasil, até então arredados do diário convívio da juventude escolar".

Sua preocupação em editar uma obra de perfil didático e vê-la adotada na escola primária, com o intuito de incutir nas crianças o conhecimento e fatos do Brasil, ia ao encontro da proposta de José Veríssimo:

O ensino da história pátria, além de escacissimamente feito, é pessimamente dado. Os compêndios, insisto, são em geral despidos de qualquer merecimento didático. São pesados, indigestos e mal escritos.

Para o ensino primário, os poucos que há, são inspirados na velha pedagogia jesuíta das perguntas e respostas, e limitam-se a uma enfadonha e estúpida nomenclatura de governadores, de reis, de capitães-mor ou de fatos áridos de nenhum modo úteis ao ensino primário da história pátria.

É preciso que o livro de leitura entre nós se reforme completamente e que tudo fale do Brasil e de nossas coisas. Os primeiros livros devem conter contos e cantos populares e pequenas histórias em que se reflitam a nossa vida e os nossos costumes. Só assim interessaram à

criança. Entremeados com esses assuntos, viram pequenas cenas da história pátria mesmo legendárias.

Conviria muitíssimo que o livro de leitura, como compêndio, fossem ilustrados, como seria de grande alcance, ao menos para as classes infantis, possuir a escola uma coleção de gravuras históricas, que, comentadas em classes, seriam a melhor e a mais gostosamente aprendida das lições.

Servindo-se do modelo proposto por José Veríssimo, João Simões Lopes Neto, declara que:

O ensino de nossa história pátria é mal feito e mal dado. No Brasil esse estudo não é somente descuidado, mas não existe, nunca existiu, e a consequência é a profunda ignorância em que vivemos da nossa história, soletrando aliás a alheia.

Os poucos compêndios que há, são inspirados na pedagogia jesuítica- das perguntas e respostas e limitando-se a uma enfadonha nomenclatura de governadores, de reis, de capitães-mores, ou de fastos áridos, seccamente expostos.

Pelo "Diário Popular" de 11 de março de 1908 fica-se sabendo da remessa da obra ao "Conselho de Instrução Pública do Estado", tendo sido a mesma recusada. Triste e desiludido o autor acaba entregando a sua sobrinha Ivete Simões Lopes Massot, então com dez anos, a cópia do exemplar rejeitado pelas autoridades do ensino:

João Simões parecia advogar, vibrante de entusiasmo, a propaganda do nosso folclore e dos costumes do Rio Grande. Era tão grande o seu amor pelo chão, que fundou em Pelotas o primeiro Centro de Tradições Gaúchas e esse livrinho gauchesco teria o poder de prender a atenção da garotada, como o teve de fascinar as suas sobrinhas, que brigavam pelo único exemplar. E eram dois aliás, mas o outro havia tomado o rumo do

Ministério da Educação, onde teria o destino do primeiro: "Rejeitado".

Um dia meu dindo entregou-me uma tesoura, dizendo: - Minha filha, faz destas figurinhas, o que quiseres...

Recortei as belíssimas, "prendas" e gauchinhos feitos por ele, feliz da vida, porque nos meus primeiros anos sentia um prazer imenso em picar papel. Quando ele viu bem mutilada a sua obra, disse à esposa:

- Graças a Deus, Velha, este livro teve o poder de dar alegria a uma criança...

Simões Lopes Neto em sua empreitada no sentido de popularizar a educação tinha sempre em mente a crença na importância do texto de leitura. E particularmente a crença de que o mesmo deveria ter toda uma compleição que privilegiasse a educação cívica, os faustos nacionais, a brasilidade, as características regionais, etc. Estas eram temáticas reiteradamente presentes nas prédicas de Simões nas "conferências cívicas":

Neste levantamento geral que é preciso promover a favor da educação cívica, uma das mais neccessarias reformas é a do livro de leitura primário. Cumpre que elle seja brasileiro pelo assumpto, pelo espírito, pelos auctores transladados, pelo sentimento nacional que o anime e faça estimar. (1906:19)

Temos como hipótese que a famosa "Coleção Brasileira" é resultado decorrente da rejeição da obra "Terra Gaúcha" pelo "Conselho de Instrução Pública do Estado". Ao não ter sido aprovada, João Simões Lopes Neto resolve utilizar o material iconográfico que iria ilustrar a obra, na elaboração da "Brasileana". Série de cartões-postais alusivos a história pátria, a personalidades, datas e episódios, "faustos da História Nacional", como vem inscrito nos cartões.

Acabaram sendo produzidas duas séries de cartões-postais. A primeira série (25 cartões) era colorida e foram confeccionados na gráfica Chapon. Eram de altíssima qualidade.

No desenho dos belíssimos postais, no dizer de sua sobrinha, João Simões mais uma vez revelou o artista que era. Na "Coleção Brasiliana" resplandecem os seus profundos conhecimentos de arte e história. Para imprimi-los, ele e João Chapon, o proprietário da tipografia, muitos cartões inutilizaram, para fazerem de novo, até sair cada um uma obra prima.

A 2º série, também com 25 cartões, não alcança a qualidade gráfica da 1º série, sendo os cartões monocromáticos. Datam de 1908, e a maior parte dos mesmos retrata a história do império, particularmente a Guerra do Paraguai.

Apesar de apostar no seu sucesso, basta saber que João Simões pretendia editar diversas séries, essa iniciativa foi de novo um grande fracasso. No ano de 1914, essas coleções ainda eram anunciadas nos catálogos da Livraria Americana, sinal de evidente encalhe comercial. Consta a seguinte nota nesse catálogo:

Coleção Brasiliana. Cartões postais, finamente ilustrados – organizados por J. Simões Lopes Neto. Os motivos da "Coleção Brasiliana" é todo ele nacional, e, portanto, patriótico; as ilustrações dão cópia fiel dos emblemas da soberania nacional, de todos os monumentos públicos, estaduais, etc., e reprodução de quadros célebres de combates e atos solenes, retratos de todos os governantes e de brasileiros notáveis, desde a época colonial até os nossos dias, túmulos, grandes invenções, obras de arte, objetos, lugares, documentos, cenas históricas, tudo explicado em notícia concisa e clara. Nenhuma coleção neste gênero existe no país, nos próprios livros de instrução pública não se encontram as preciosas ilustrações da Coleção Brasiliana, algumas das quais são absolutamente inéditas e todas documentadas.

Quem manusear esta coleção verá e aprenderá coisas que desconhecia, e outras de que formava idéia errônea e terá uma verdadeira lição de educação cívica. É o melhor prêmio, o melhor presente, o brinde mais significativo que se pode oferecer. Um colecionador de bom gosto só permutará com os seus correspondentes oferecendo-lhes

destes cartões, destinados a terem lugar de honra nos álbuns. Uma série ou 25 cartões, 4\$000.

Sob o prisma comercial e mesmo de abrangência da dispersão da distribuição o sucesso do empreendimento foi mínimo. Isto pode ser verificado pelo anúncio de venda da coleção muitos anos depois e pela inexistência da utilização dos cartões como "tarjeta postal" como originalmente se pretendia. Hoje em dia, conta-se nos dedos as pessoas ou instituições que possuem as duas séries destes cartões postais.

Uma terceira estratégia de divulgação de suas concepções educacionais foram as conferências cívicas. Por um longo período, Simões Lopes peregrinou em várias cidades da região sul do Rio Grande do Sul em seu apostolado cívico. Constituiu-se neste período um verdadeiro paladino da causa do civismo no estado. Em verdade, todas estas iniciativas tinham um explícito carácter de popularizar a educação no Estado.

As conferências tinham uma formatação nitidamente voltada para exaltar as características do estado e em particular, plasmar a necessidade de formatar as mentalidades no sentido de solidificar a assunção da superioridade nativa em relação aos padrões de comportamentos estrangeiros.

Finalmente, uma outra atividade desenvolvida por Simões Lopes Neto e que, sob certo prisma, singulariza sua atuação nesta apostolização cívica, é a Semana Centenária.

Ele se aproveita da oportunidade do centenário do município de Pelotas para propugnar uma série de atividades comemorativas desenvolvidas diretamente pelos estudantes.

No jornal "A Opinião Pública" de 01 de julho de 1913, João Simões Lopes Neto conclamava os estudantes de Pelotas a criarem a "Semana Centenária" ou simplesmente a "Centenária", com o propósito de que todos os anos, nos dias 07 a 14 de julho, fosse comemorado a criação da Freguesia de São Francisco de Paula (Pelotas).

Estudantes! A vós todos – senhoritas e rapazes, meninas e meninas – todos os que estudam, não importa si apenas o abc, si a seleta e os verbos, si os bojudos compêndios inflados de gravidade, venho propor uma conspiração...

Vamos ao assunto.

Lembram-se de que o ano passado comemoramos o Centenário de Pelotas, de 7 a 14 de julho? Lembram-se?

E si fizessem, vocês, estudantes, agora uma parada geral, comemorativa?

Que dizem?

Vai nisto a fundação de uma tradição a deixar aos que vierem depois. Seria, vamos chama-la assim Semana Centenária, e até por abreviar, simplesmente a centenária.

Um aspecto diferencial destas manifestações foi o caráter descontraído e de certa forma popular das mesmas, de modo especial, as passeatas estudantis.

Ao mesmo tempo em que o autor da idéia propunha que se realizasse um amplo movimento estudantil, que contasse com a participação de alunos de ambos os sexos e de todas as idades (acadêmicos, de ensino secundário e de ensino primário), marcado pela irreverência e alegria, semelhante aos que ocorriam em outros países europeus e importantes cidades brasileiras, não passa despercebida a idéia de que se voltasse ao passado, buscando lições ao presente, cuja decadência, de uma forma ou de outra, já se fazia sentir (AMARAL, 2003:213)

Em suma, o trabalho literário de João Simões Lopes Neto, sua atuação como jornalista e sua atividade como professor revela uma preocupação claramente direcionada à divulgação de ideais nacionalistas e patrióticos consentâneos com os procedimentos de outros divulgadores em nível nacional como Olavo Bilac e Coelho Neto. Neste trabalho está subsumido uma estratégia cujo esteio é a popularização da educação. Não

identificar estes procedimentos como educação popular seria apenas uma questão conceitual?

Referências

ALMANAK Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, de Alfredo Ferreira Rodrigues. Rio Grande: Carlos Pinto & Cia., 1914.

AMARAL, Giana Lange do. Semana Centenária – A festa anual da mocidade escolar in Anais do IX Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. Porto Alegre, Seiva/ASPHE, 2003.

BILAC, Olavo. A defesa nacional (discursos) Rio de Janeiro: Edição da Liga de Defesa Nacional. 1917.

CHIAPPINI, Ligia. No entretanto dos Tempos: Literatura e história em João Simões Lopes Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CORREIO Mercantil. Pelotas. 04.10.1904.

DE AMICIS, Edmundo. Coração. Pelotas, Livraria Universal de Echenique irmãos, 1907.

DINIZ, Carlos Francisco Sica. João Simões Lopes Neto: uma biografia. Porto Alegre: AGE/UCPel, 2003.

FARIA NETO, Francisco. Coração Brasileiro, Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, s/d 2 edição.

LOPES NETO, João Simões. Educação Cívica (Terra Gaúcha). Annaes da Biblioteca Pública Pelotense – 1904. Vol. I, Pelotas: Livraria Comercial, 1905.

MASSOT, Ivete Simões Lopes. Simões Lopes Neto na intimidade. Porto Alegre: Bels, 1974, p. 133.

ORNELLAS, Manoelito de. Prefácio. In: LOPES NETO, João Simões. Terra Gaúcha. Porto Alegre: Sulina, 1955.

REVERBEL, Carlos. Um capitão da Guarda Nacional: vida e obra de J. Simões Lopes Neto. Porto Alegre: Martins/UCS, 1981.

ROMERO, Sylvio e GUIMARÃES, Arthur. Estudos Sociais: O Brasil na primeira década do século XX. Lisboa: Typographia da A Editora, 1911.

RUSSOMANO, M. V. Como se fosse um prefácio. In: Novos Textos Simonianos. Pelotas: Confraria Cultural e Científica Prometheu/Livraria Lobo da Costa, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo. Companhia das Letras, 2003.

VERÍSSIMO, José. A Educação Nacional. 2ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1908, p. 130.

Elomar Tambara é professor titular de História da Educação da Faculdade de Educação da UFPel. Pesquisador CEIHE. Publicou vários livros, dentre eles: "Positivismo e educação" e "Introdução à História da Educação do Rio Grande do Sul". E-mail: tambara@ufpel.tche.br

Eduardo Arriada é Professor Doutor da Faculdade de Educação de Pelotas (UFPEL). E-mail: earriada@hotmail.com

Recebido em 10/05/2008

Aceito em 15/11/2008

EDUCAÇÃO CIVICA

CONFERENCIA

*Realisada pelo Sr. João Simões Lopes Netto, notario, à 17 de julho
Anais da Biblioteca Pública Pelotense, Pelotas, 1904*

ILLUSTRE DIRECTORIA DA BIBLIOTHECA
EXMAS. SRAS. MEUS SRS.

Supplica! eis a minha primeira palavra.

Premado pelo desempenho do compromisso cujo alcance não bem avaliei, sem preparo mental á altura d'elle, sem trabalhos de algum mérito a me fortalecer, sem um titulo a me amparar, sem figura, sem vóz, sem eloquencia, que mais fazer senão – supplicar – a vossa bôa vontade? – Seja pois a vossa benevolencia o manto que me cubra e me proteja, neste lance de arrojo meu, de menos pensada conta da responsabilidade que assumi; seja a vossa benevolencia a tenda hospitaleira a que me abrigue, na digressão escabrosa, que a outros, mais competentes, caberia encetar e vencer. – Mas, fosse o exagerado temor a preocupação constante dos homens, e a modesta bôa vontade e o singelo desejo de ser util, mesmo errando, se annullariam: a offerenda sincera, vale sempre pela intenção.

- O raio que se desprende da nuvem negra da procella, quando cahe procura as eminencias; quando elle fulge, estala, zigue-zagueia e desce, fére e despedaça de preferencia o jequitibá potente e altaneiro, e poupa e não fulmina o arbusto humilde, que medra e viceja na sombra do gigante.

Cada geração recebe augmentada a cuspide portentosa do admiravel edificio social; abriga-se consolada e esperançosa sob a cupola amplissima do maravilhoso edificio e rememora e agradece os guias e fauctores da solidariedade humana, bem-dizendo os pastores sollicitos que vigiaram em que se não tresmalhasse para o mal e para o erro o innumeravel rebanho humano, docil como as mansas ovelhinhas, sanhudo e truculento como as feras mais

bravias. – Mas passa, e esquece e nem se preocupa com o artificio ignorado, desconhecido, que ajudou a argamassar o barro, que carreou a pedra, que deu um impulso do seu hombro ao peso dos madeiros.

Nem por isso, o operario infimo, atomo na vastidão, marca tenuissima na grande estrada da ascensão humana, nem por isso elle tem menos a consciencia das gottas de suor com que se abendiçoou na sacra pia do trabalho, da ancia commum, do esforço geral, para a consecução da grandiosa cathedral do futuro, em cujas naves, abertas aos quatro ventos da terra, reboarão ainda um dia os hymnos triumphaes da victoria final e consoladora do amor, da concordia e da fraternidade dos povos!

- Aos toques de avançar – do clarim incitador do progresso, tem acudido pressurosos a esta tribuna, o talento, o preparo scientifico, a eloquencia, a previsão, o exemplo salutar de homens dos de maior merecimento no nosso meio social; deste quartel-general do estudo, da perseverança e do altruismo, têm partido para as varias linhas de combate á rotina, ao erro, ao obscurantismo, não os missionarios da benemerita Cruz Vermelha, que acode ao gemido e á morte, mas os pregadores da benemerita Cruz Branca que illumina a intelligencia e modifica as almas.

Destes, um já tombou nas sarças do caminho...

E seja-me permittido – que ainda resoam nos tectos desta sala os échos da sua palavra, seja-me permittido, unindo a minha vóz á vossa recordação, reverenciar uma sombra amiga, que talvez nos comtemple, da orla do mysterioso além: seja a nota mais carinhosa e a mais doce da minha desataviada conferencia, a do preito da nossa saudade á memoria do cidadão digno, modesto e trabalhador, que teve a suprema ventura de repousar na morte, no seio da mesma terra amiga que lhe foi berço – o Dr. Alberto Vieira Braga.

O labaro rutilante da paz, do estudo e do saber, tem passado de mão em mão, mantido á mesma altura arfando sereno e magestoso á mesma atmosphaera sympathica de louvor, de

acolhimento e de carinho; mãos fortes se estendem ainda, vozes autorizadas o pedem; peitos robustos o sustentarão...

Mas, por um supremo esforço de audácia, eis surge, no roldão dos cavalleiros da vanguarda que já têm de outros prelios, ganhas as suas esporas de ouro, eis surge a figura obscura do mais obscuro dos infantes, esquecido o arrojo do lance, deslembado o perigo do posto, fitando como fascinado a luz que o attrahe, o fim que o seduz, immerso no sonho magico da grandeza patria – a que aspira.

Tal é, Srs. o meu paralelo: humilde arbusto – entre arvores frondosas; operario mesquinho entre architectos, sentinella perdida nas linhas distantes do acampamento.

Benevolencia – pois, pela intenção.

Como trave tosca pousada sobre duas columnas poderosas, assim eu me apoio nos dois livros de ensinamento e de conforto: a "Educação Nacional", de José Verissimo, e "Porque me ufano do meu paiz", de Affonso Celso Junior.

São dois livros que todo o brasileiro devia conhecer e estimar; os velhos, rememorariam nelles os factos do passado, em que foram talvez, participantes; e da calma da sua velhice e da experiencia da sua jornada poderiam confirmar aos moços, o que elles contam de advertencia e de esperanza; os moços deviam lê-los, porque pensariam com madureza no porque vago e indeciso de tantas cousas que os cercam e embaraçam, e elevariam o pensamento e o coração na segurança propicia que se imanta para um futuro de rutila ascensão.

Dois livros que são dois brados na vastidão do anhelos: um, o do gageiro vigilante que aponta os arrecifes á flor d'agua, e que é um – alerta! – ao leme do manobra; outro, o do piloto impaciente que ve que a náu esta apparelhada, e manda o – ferro acima! – e aprôa para além o casco branco, velas ao vento, as flammulas esguias beijando a esteira prateada, a prôa gracil cortando as aguas marulhosas!

São dois livros de educação civica: um, severo no estudo das causas; o outro, sadio na promessa dos effeitos.

São dois bellos livros de educação civica – e bem de nós, si na escola e na vida pratica, os tivessemos sempre sob os olhos, si corrente fosse a leitura e a meditação delles, tão simples, tão leaes, tão esperançosos.

Palavras e trechos, ideas e analyse, conselho e desejos, de ambos colho e reproduzo. Do que ambos dizem e ensinam, é quasi, aqui, uma leitura ampla, em voz alta.

Senhores:

Quando dizemos – uma arvore – damos a idea certa do que queremos expressar para nos fazer comprehender: não precisamos individuar as raizes, o tronco, os ramos, as folhas. A arvore é como uma thése; e, si nesta, eu tivesse de personalisar, os vicios e defeitos patrios, tomal-os-hia gostosamente a mim, como pleno delles, que não sou, pela origem e pela educação. E não teria de que corar: realmente, qual o nosso vicio que degrade, qual o nosso defeito repulsivo? Tranquillamente, podemos affirmar – nenhum.

Nacionaes e estrangeiros que têm se occupado de nós, estam todos de accordo em reconhecer como a nota dominante do nosso caracter, a indifferença, o desanimo, a passividade.

Paciencia! Amanhã – sam palavras classicamente nossas. Temos patente inclinação ou para tudo addiar ou tudo fazer de afogadilho.

Dizer-nos a nós mesmos os nossos vicios e defeitos é já um passo para corrigil-os. O exame de consciencia – independente da confissão – é, para os individuos como para os povos, um salutar recurso moral.

E feito elle, cumpre procurar a pratica das virtudes contrarias aos peccados reconhecidos.

Cumpre-nos ter a coragem de affrontar com a nossa situação e dizer lealmente e completamente a verdade.

Mão patriota, desleal cidadão fôra aquelle, que não sei sob que falso pêjo, entendesse menos amar a patria, dissimulando-lhe os erros, cuja emenda está exigindo sejam divulgados e conhecidos. Não! A patria quer ser amada sem reservas, mesmo com os senões e faltas dos seus filhos e das suas instituições.

As virtudes e vícios de um paiz, não sam senão os vícios e as virtudes de seus filhos. A patria, essa, na sua figura ideal e amada paira acima dos nossos erros e das nossas paixões; e atacar a inopia dos que a constituem ainda é estremecel-a no filial desejo de a ver não só objecto do nosso amor, mas fonte do nosso orgulho, pyra do nosso entusiasmo.

Não basta estar, como o sacrilego filho de Noé, a por a nú as vergonhas do paiz: cumpre mais que tudo, remedial-as, e abandonando as declamações tão do nosso gosto, pormo-nos franca e singelamente a sevil-a, com a consciencia de um simples dever individual, religiosa, humilde, mas devotada e correctamente cumprido.

Celso Junior no formoso livro que referi, cariciosamente severo, impõe aos seus filhos – quero que consagreis sempre illimitado amor á região onde nascestes, servindo-a com dedicação absoluta, destinando-lhe o melhor da vossa intelligencia, os primores do vosso sentimento, o mais fecundo da vossa actividade; dispostos a quaesquer sacrificios inclusive o da vida.

Embora padeçam por causa da patria, cumpre que lhe voteis alto, firme, desinteressado affecto, o qual, longe de esmorecer, augmente, quando desconhecido, injustamente aquillatado ou ingratamente retribuido, e jamais, em circumstancia alguma, vacille, descreia ou s'ontibie.

Ousa muita gente affirmar que ser brasileiro importa condição de inferioridade.

Ignorancia ou má fé.

Ser brasileiro, significa distincção e vantagem. Assistenos o direito de proclamar, cheios de desvanecimento, a nossa

origem, sem receio de confrontar o Brasil com os primeiros paizes do mundo. Varios existem mais prosperos, mais poderosos, mais brillhantes que o nosso.

Nenhum mais digno, mais rico de fundadas promessas, mais invejavel.

Ao terminar o seculo 19, já constituimos a 2^a. potencia do Novo Mundo, a 1^a. da America do Sul, a 1^a. em extensão e a 3^a. em população da raça latina. Seremos a 2^a, ou 1^a. do orbe, quando a hegemonia se deslocar da Europa para a America, o que fatalmente succederá. Encarnaremos então as qualidades, guardaremos as tradições, representaremos os serviços dos latinos no trabalho universal.

O Brazil constitue um dos mais vastos paizes da terra, capaz de conter toda a população nella existente; possui riquezas incalculaveis, tudo quanto de precioso se encontra no globo: goza de perpetua primavera sem jamais conhecer temperaturas extremas; não soffre as calamidades que costumam affigir a humanidade como os vulcões, terremotos, cyclones, inundações.

Nunca soffreu humilhações, nunca fez mal, nunca perdeu uma pollegada do seu solo, nunca foi vencido, antes tem vencido poderosas nações; sempre procedeu honesta e cavalheirosamente para com os outros povos, livrando até com absoluta abnegação seus visinhos mais fracos, de odiosas tyrantias.

Primeiro paiz autonomo da America latina, na sua historia, relacionada com os mais notaveis acontecimentos da especie humana, escasseiam – guerras civis e effusões de sangue, sobejando feitos heroicos, formosas legendas, preclaras figuras, luminosos exemplos.

Sempre manifestou espirito de independencia, desfructou liberdades desconhecidas em outras nações, mostrou-se apto para todas as melhorias, produziu representantes distinctos em qualquer ramo da actividade social, resolveu com calma e sensatez, á luz do direito, a mór parte das suas questões, acolheu carinhosamente quem quer que o procurasse.

O Brazil é um paiz privilegiado, reunindo primores sem conta, que lhe conferem primazia sobre todos os mais. Outros povos se avantajam ao nosso, n'aquillo que a idade secular lhes conquistou.

O Brazil poderá tornar-se o que elles sam. Elles nunca serão o que o Brazil é. Qual o que em absoluto nos excede?

Nenhum, dadas as nossas circumstancias faria mais do que fisemos.

Quando nos lançarem em rosto as grandezas alheias, consideremos as suas miserias.

Tem elles primores de arte?

Nós possuímos portentos naturaes, sem duvida melhores. Apresentam cultura mais fina?

Lá chegaremos, que para isso sobra-nos capacidade.

Vangloriam-se de rutilante passado?

Aguarda-nos deslumbrante porvir. Patenteiam maior força armada?

Vivemos mais tranquillos, mais fraternalmente.

A Inglaterra com sua formidavel expansão, a Italia com os seus monumentos, a França com os seus artistas, a Allemanha com a sua sciencia não nos acabrunham, mas despertam nobre emulação: nada disso nos é inacessivel. Exhibimos titulos equivalentes para merecer o respeito, a estima e a admiração universaes. Viveremos, cresceremos, prosperaremos.

A educação, o aperfeiçoamento ham de vir. Somos uma aurora. Chegaremos necessariamente ao brilho e ao calor do meio dia!

Grande povo, capaz de heroicidade, de justiça, de vibração, mas, disperso na disciplina, desordenado na formatura, rumoroso quando o silencio se impõe, povo de impetos de todo o arrojo e tambem povo estranhamente indifferente.

Avança e ri-se bravamente no perigo e é resmungão e impaciente por frioleiras.

Esta falta de unidade, esta falta de uniformidade, esta desafinação, digamos, provem indubitavelmente da falta da educação cívica, que, só ella, representa o arcabouço robusto do grande corpo nacional, a educação cívica, que é como o acorde no teclado, a harmonia na orquestra.

Essa lastimavel lacuna, essa falha perigosa, vem de causas numerosas: vagas, esparsas, obscuras, umas, e positivas, definidas, determinadas, outras.

E o seu conjuncto, complexo, não tem sido modificado por uma acção energica de remodelação, de reforma vivificadora.

Brazileiro nenhum, estudando com amor, á falta de talento, a sua patria, nas varias manifestações da sua vida, na sua política, na sua arte, na sua industria, na sua litteratura e até nos seus usos e costumes, deixará de verificar consternado a pobreza do nosso sentimento nacional.

A lacuna fundamental da nossa educação publica é a ausencia de um ideal – e esse ideal lhe não podia ser dado senão animando-o de um espirito, o espirito do sentimento nacional.

E dado o nosso tempo e a necessidade innilludivel de nelle e com elle vivermos, havemos de conformar-nos com as suas tendencias, sob pena de perecer ou arrastar uma vida ignorada e ingloria, no concerto universal.

Nenhum povo hoje póde ser grande, sem esse sentimento, nenhuma nação póde ser forte, sem n'elle apoiar-se. É elle o mais solido elo da nacionalidade e o mais certo estimulo dos cidadãos.

Vencida e mutilada, diminuida no seu territorio, fundamente ferida no seu orgulho, é para a educação cívica que se volve a França.

Foi ahi, nesse manancial inesgotavel, que ella se revigorou e se reconstituiu com uma assombrosa rapidez e firmeza.

Nós tambem temos a refazer-nos não sómente temperamento, ideias e costumes novos, senão tambem um espirito novo, o espirito nacional, tão enfraquecido entre nós, e é á educação cívica, nacional, que compete essa tarefa ingente e

benemerita. Neste novo mundo, o Brazil tem um primeiro lugar e os mais insignes destinos.

- Sejamos brasileiros com todo o ardor do nosso temperamento, mas sem os desfalecimentos que o neutralizam.

Não copiemos servilmente a ninguem, mas estudemos tudo e a todos – e, principalmente, estudemo-nos a nós mesmos. Tiremos, porque os temos grandiosos, tiremos do conhecimento da patria, os mesmos elementos com que lhe havemos de preparar a grandeza futura. Precisamos ser physica, moral e intellectualmente fortes e a humanidade pode contar connosco. Para isso porém, carecemos em primeiro lugar – ser brasileiros – e o conhecimento e a consciencia do nosso valor proprio só nos poderá vir da educação civica, no mais elevado sentido da palavra.

Uma simples nota, que é como um transumpto de todas, é da nossa indifferente observação diaria: o hymno e a bandeira.

Sempre – de pé – elle deve ser ouvido: de cabeça descoberta, é que ella deve ser saudada! O hymno nacional!

A vibração marcial e soberana, o clangor da victoria, a marcha para o progresso! Elle é como o applauso, de todo o peito, ou o tremendo rugido de um povo ferido, a espiritual, a solemne e confortante presença de toda a patria, liame do mar, da serra e da campina, no momento e no lugar onde é vibrado.

O hymno nacional, que na sua larga accepção é o conjuncto do vagido do infante que nasce, do brado enthusiastico do homem feito, do suspiro do ancião que tomba, o hymno, que é o aroma da flor, o brilho da estrella, o canto da ave, o soluçar da fonte, o balar do gado pacifico da lavoura e o bramir da féra, que é uma fremente onda sonora, mas que é a Patria, em summa, si accorda em nós a soberba acclamação delirante, é, por uma indifferença nossa, por uma fraqueza e – porque não direi? – por uma criminosa tolerancia, executado até em barracas de cavallinhos, em miseraveis exhibições de brutos e de palhaços!

E nós não protestamos, não impomos a suspensão dos compassos que deprimem: ouvimos com indiferença!

A bandeira! Se o hymno é a vóz, a bandeira é a face augusta da Patria.

É para ella, que na magoa publica os olhos se voltam; é para ella que os labios se arqueam em beijo; é para ella que os joelhos se dobram.

Hasteada na terra estrangeira, é territorio patrio aquelle que ella cobre; na popa do navio, é a alcyone amorosa que o acompanha no vendaval e na bonança, no turbilhão das aguas infinitas ou no remanso pacifico dos portos; no quadrado em combate, é a patria mesma, que está entre os soldados.

É ella que segreda a um – resiste! - a outro – protege-me! – a outro – vence!

É ella que soluça a bençã maternal ao ouvido dos que morrem; é ella que diz ao ferido – tem fé! – é ella que diz ao vencedor – cumpreste o teu dever!

Varada pelas balas, negra do fumo, humida de lagrimas, salpicada de sangue, ella é sempre immaculada e pura e lucida e bemdicta!

A bandeira, que entre todos os povos é tractada com o mais grave e elevado respeito, - força é dizel-o, - entre nós, ella serve de cartaz nos circos de touros, de reposteiro em exposição de cobras e bonecos e de taboleta de aviso, de kiosque de loterias, em dias de sorte grande!

Não! Não consintamos mais em tal abuso.

Isso é vergonhoso.

Reajamos contra tanto desamor! Tiremos dos olhos curiosos e innocentes das creanças, dos nossos irmãosinhos, dos nossos filhos, destes petizes que hoje sam a aurora e serão amanhã o zenith da patria, acabemos para os seus olhos ainda puros, o espectáculo deprimente, que não se lhes apagará da memoria, evitemos que vendo, desde tão tenros, a indiferença para o delicto, elles sejam depois, cúmplices innocentes, tambem!

É certo que varias causas acudiram a estorvar em nós o brazileirismo.

A enorme extensão do territorio e a falta e a difficuldade de communicações, isolou o habitante do convivio continuado dos seus concidadãos, formando-se assim mais o sentimento local, que o patrio; ha bahianos, paulistas, cariocas, paraenses, rio-grandenses: raro, existe o brazileiro.

A propria legislação portugueza do tempo, difficultava as relações das capitánias entre si e com as nações estrangeiras, preferindo que só as tivessem com o Reino.

Somos o producto da fusão de tres dignas e valorosas raças, perfeitamente distinctas: duas, selvagens, primitivas e simples e portanto descuidosas e indifferentes e outra, em rapido declinio, depois de uma gloriosa, brilhante e fugaz civilisação.

Quando iniciava a colonisação do Brazil, começava a gente portugueza, nosso tronco e primeira seiva, a experimentar os symptomas da perversão moral, que fez resvalar os heroicos batalhadores da Peninsula e da Africa, os ousados navegadores do mar tenebroso, mestres de Colombo, nos enfraquecidos dominadores da India.

A figura lendaria de um D. João de Castro, que por um pello da barba honrada se constituiu fiador da divida do seu rei, succedia Martim Affonso de Souza, o temerario almirante da costa brazileira, que ao depois, nas conquistas da Asia, foi um dos mais infamados concussionarios.

Amollecido nos prazeres facéis das terras conquistadas das Indias, de um lado enfreado pelo temor da inquisição, de outro lado enervado pela educação jesuítica da epocha, o povo portuguez decahia visivelmente ao tempo da colonisação, que iniciada sob D. Manoel, se veio prolongando até sob os Philippes, da Hespanha, então odiados dominadores de Portugal, que se deixara domar, mais pelas divisões politicas intestinas, do que pela falta de valor para a resistencia.

O Brazil, infelizmente simples colonia de uma pequena metropole, nada podia fazer.

Para avaliarmos quanto póde influir o modo por que se deve desenvolver uma nação afim de attingir a sua prosperidade, basta observar o exemplo pratico da America do Norte, que actualmente offusca, com as suas riquezas e poder, as velhas e principaes nações do antigo continente, causando-lhes inveja e temor.

E comtudo, toda essa grandeza não é mais do que uma consequencia logica do modo pelo qual ella se constituiu.

Os seus primeiros habitantes foram immigrants compostos de varias especies de homens sociaes, de agricultores, capitalistas, homens illustrados e de merecimento, que abandonaram o solo natal por questões politicas, que se tinham travado na Inglaterra.

Os inglezes, que foram para a America do Norte, abandonando a sua mãe patria por questões politico-religiosas, dedicaram-se de corpo e alma ao seu novo berço, a esse novo torrão, que em breve tão alto elevaram.

Os descobridores, povo longiquo, embóra militar, pouco numeroso, attenta a nossa extensão, não possuindo elementos para agir a tão grande e mal conhecida distancia, não podiam favoravelmente exercer a sua tutela na immensa colonia do Brazil!

As condições climatericas e geographicas do Brazil concorreram para desenvolver a nossa indolencia.

Uberrimo, de clima propicio, sem luta com as forças destruidoras da natureza, com o braço escravo para a rudeza do serviço, a educação geral desde o principio, foi-se accentuando para um fatuo desprezo do trabalho.

Não é possivel exagerar os males que nos trouxe a execranda chaga. A ama escrava, amamentou todas as gerações brazileiras; mucama, a todas acalentou, homens para todas trabalhou, mulher, a todas entregou-se. Durante 300 annos

refastelamo-nos no trabalho oriundo da iniquidade, sobre o indio e sobre o negro. Não sómente abolindo como aviltando o trabalho, a escravidão consumou em nós a morte de todas as energias, já enfraquecidas pelo clima, viciadas pela hereditariedade e amodorradas pela acção politica monarchica.

Vale a pena ainda uma vez relembrar a innata generosidade brasileira: não nos deve envergonhar, o facto de havermos mantido a escravidão. No começo do seculo passado, admittia ainda a Inglaterra o trafico humano, com o qual enriqueceu e cuja suppressão difficilmente conseguiu.

Em França, só em 1848 extinguiu-se a escravidão nas suas colonias. Nos Estados Unidos a abolição custou uma guerra civil que durou cerca de 5 annos; O Brazil não amou ou defendeu o captiveiro: apenas o tolerava. Ultimado o triumpho da libertação, os novos homens encorporaram-se á população em perfeito pé de igualdade, a elles e aos seus descendentes desvendaram-se os vastos horizontes abertos a todos os habitantes do Brazil.

Sahidos do rijo systema de educação portugueza, cahimos, por uma infeliz deturpação de ideas francezas, no extremo oposto. Sob o pretexto de educação moderna – tudo foi permitido, e a facilidade de tudo fazer, enfraqueceu-a, porque na vida pratica, a vontade amimada da mocidade deu para as mais extravagantes exterioridades da calçada, do botequim e dos licenciosos convívios.

Não cultivou um ideal, uma aspiração, um objectivo para a solidificação da solidariedade nacional.

O melhor argumento contra o systema em geral entre nós adoptado, de consentir em tudo, afrouxando a disciplina até o relaxamento, é que os povos mais viris, mais fortes, mais energicos, sam justamente aquelles cuja educação domestica e publica manteve em todo o seu prestigio a autoridade do mestre e da familia; os inglezes, os americanos, os allemães.

Obdecendo é que se aprende a mandar – e esta verdade até está traduzida n’um adagio nosso – quem não sabe fazer, não sabe mandar.

Si o habito de mandar desenvolvesse a energia, o brasileiro seria um dos homens mais energicos, porque, desde a primeira infancia elle não fez outra cousa!

Mas, sobrepujando tudo, faltou-nos educação publica, civica, nativista.

Durante muito tempo, mesmo depois de 1800, os estudos se iam fazer á Europa: Lishôa e Coimbra eram as nossas capitães intellectuaes. E la se iam as creanças estudar fóra do paiz, na idade justamente em que se começa a formar o character e o coração, na idade em que se gravam para sempre as primeiras impressões do amor da familia e do amor da terra.

- Justiça seja – não foi isso um desleixo perfido ou preconcebido proceder dos nossos avós: era até logico com o tempo e com as cousas de então: sendo como era, o Brazil, uma simples colonia, sem autonomia.

A nossa vida publica, da rua, externa, tem sido sempre muito parcimoniosa.

A sua manifestação mais viva tem sido a da politica ou antes, do partidarismo.

Fomos liberaes e conservadores – em torno de homens, entrando os partidos, sem cerimonia, na seara dos principios um do outro, conforme a pressão do momento. Tanto na monarchia, como modernamente na republica, conhecemos os parlamentos quasi unanimes. Os meetings, os comicios, as conferencias politicas, entre nós, raro são praticadas: ao contrario, os nossos homens mais eminentes evitam o contacto da multidão. Allegar-se-há que o povo não está preparado para – pensar – mas, quanto

mais se lhe distanciar a escola do seu ensinamento politico, tanto mais difficil será oriental-o.

Recem vamos trazendo os nossos homens para o bronze da consagração. Os monumentos imperiaes tiveram a sua subsistencia da propria instituição, e só para ella; agora um escriptor, Alencar, já tem uma estatua na praça publica; Carlos Gomes emerge da grata saudade paulista: bustos se erguem; modestas placas commemorativas e columnas singelas, mas sinceras os republicanos vam implantando; elles trouxeram Osorio e Caxias para exemplo permanente, do povo.

Floriano tem no seu tumulo um symbolo de peregrinação; Castilho terá o seu monumento, estimulo de meritos; os de Tamandaré, Saldanha, Mauá, Silveira Martins, Benjamin Constant e outros se estam cimentando; e, não ha negar, já foi a aura nova, só ella, que trouxe este rejuvenescimento dos credos dos cidadãos.

O nosso jornalismo, a fora a politica e as pequenas noticias, escassamente se occupa do Brazil.

É mais corrente encontrar n'elle noticias de cousas estrangeiras que do paiz; e nos estados, si raro é o jornal de alguma importancia que não tenha uma correspondencia de Lisbôa ou de Paris, e transcripções de outros paizes, tambem raro se toparia com algum que a tenha não já das outras partes do Brazil, mas do proprio Rio de Janeiro.

Quantas vezes, dos proprios jornaes estrangeiros é que vamos ter noticia de cousas patrias! Não possuimos uma unica revista, variada, popular, barata, que leve a todos os cantos do paiz os trabalhos dos seus escriptores, dos seus pensadores e artistas, das obras e construcções no Brazil e por brasileiros feitas, nem dos seus homens, cousas e successos mais notaveis.

A nossa legislação é uma montanha de leis, de disposições, regulamentos, decretos, circulares, avisos, que se chocam, se enovellam, se disputam; sendo opulentistissima, é difficil de destrinçal-a; nós vemos seguidamente os nossos tribunaes, alfandegas, commandos e repartições, em conflictos, em attrictos de attribuições, despejarem perguntas e consultas sobre assumptos que deveriam ser correntes. Uma nevrose de desorientação lavra por toda a parte.

Ella é lamentavel, mas é perdoavel. É o facto que se daria com um individuo que fosse encarregado de cuidar de uma machina que elle nunca vio funccionar; fecha valvulas, abre torneiras, alarga movimentos, desloca ajustamentos; produz-se a desordem no funcionamento, elle allarma-se, confunde tudo, quer remediar o caso, mas não conhece a manobra e complica a sua situação, pondo em prova sem necessidade, a robustez da machina, que felizmente resiste e resistirá ao seu noviciado...

Entre outros, ao acaso cito alguns factos mais recentes.

É isso o que acontece com um conselho municipal que indo contra o principio expresso da constituição brasileira, sobre a ampla liberdade dos cultos, decreta o ensino religioso obrigatorio, nas escolas; isto na capital federal!

Outra camara municipal, no Estado do Rio, propõe a revisão da constituição d'aquelle Estado, para se votar um artigo de excepção, pessoal, afim de poder ser reeleito um presidente; num Estado, do Norte, em que se deu feriado official nas repartições publicas, porque fallecera um cidadão particular, filho do governador; em que seio do proprio Congresso levanta-se um deputado para pedir que compareça um ministro, para ser interpellado, como succedeu o anno passado, na questão boliviana, tristemente esquecido esse representante, da lei fundamental da Republica, que prohibe tal comparecimento.

Na generalidade, cada cidadão devia ser aproveitado segundo e para o fim de suas aptidões.

Temos na verdade concidadãos dotados de larga capacidade, para poderem se dirigir com firmeza em assumptos de ponderação varia; mas sam typos de excepção – e não é com essa, seguramente, que se há de argumentar. Uma das nossas mais características inversões do censo pratico é a da não utilização dos homens em cargos para os quaes as suas habilitações os apontassem.

Na nossa vida publica era corrente termos advogados como ministros da guerra e da marinha; mais agora, um medico foi nomeado para o Supremo Tribunal de Justiça; e sentio-se tão deslocado que pouco depois, deu a demissão; um litterato foi encarregado do serviço de immigração; um medico dirige o Banco da Republica... que é aliás um constante doente.

Os nossos parlamentos sam quasi totalmente compostos de homens de profissões liberaes, que, quando enfrentam com os grandes problemas de ordem pratica, material, vem se deslocados e ignorantes delles, e dahi os embaraços do proprio governo, obrigado a dar interpretações a disposições obscuras e até absurdas, algumas.

Em quanto os outros povos festejam solemne e ruidosamente as suas grandes datas nacionaes, as nossas cahem no olvido e no abandono; o povo vae-se tornando desinteressado da commemoração que ellas lembram e n'uma embrulhada confusão de feriados e dias santos – só aproveitamos d'ahi uma folga de um dia ou meio dia de trabalho – para ir á pesca ou ao bilhar...Recordar é reviver, e o povo que fecha o coração e a memoria á relembração das suas grandes horas historicas – é digno de lastima.

Quem já assistisse a um 4 de Julho nos Estados Unidos, a um 14 de Julho na França, a um 20 de Setembro na Italia, pasmará contristado da nossa musulmana indifferença.

Os nossos proprios uzos e costumes, tradicionaes, resvalam para um lamentavel abandono. Habitos saudaveis na

familia, estão sendo cada dia abolidos; brinquedos infantis, esquecidos; praticas e usanças – características, desprezadas. Quem quer que passe em revista o que tem sido ingratamente mutilado da nossa tradição, ficará espantado do evidente lento suicídio da nossa personalidade, na sua feição particular.

Não é que deseje que ficassemos estacionarios, immoveis, perante as novas formas de viver moderno; eu lamento é a implantação de habitos, usos e costumes em contraste, em desacordo com o nosso temperamento, o nosso clima. O estrangeiro é tão firme na tradição, que mesmo na terra estranha elle a põe em pratica, não cede á que encontra, venera a sua; nós desprezamos a nossa e adoptamos a alheia, sem indagar o porque, a razão de ser de tal cerimonia ou tal costume.

Não tanto nos Estados affastados, em que ainda se descobre o cunho proprio, mas nos que se dizem mais adeantados, o cosmopolitismo – tem tudo avassalado e afogado. Desde o vestuario até a linguagem, desde o porte até o proceder, a feição nativista está assoberbada pela imitação servil, ridicularizada pelos proprios imitados.

O desanimador resultado desses factos, infelizmente incontestaveis, é esta dolorosa verdade: nós nos ignoramos a nós mesmos.

Vemos os consulados estrangeiros expedirem aos seus governos relatorios tão completos, tão acabados, que nelles vamos conhecer, descobrir e saber de cousas nossas que ignoravamos e de que pasmamos ingenuamente de ter noticia exacta.

Pois, - e ainda apesar disso – encolhemos os hombros desdenhosamente desinteressados. E a funestissima consequencia deste alheamento das cousas patrias, é a extrema fraqueza, a falha completa, a postergação até, do sentimento nacional.

Mas Senhores – o sol que no alto céu profundo as vezes se vela n’um manto de brumas, não deixa por isso, de ser o mesmo maravilhoso foco de luz, de vida e de calor.

Assim, esta bemdita patria predestinada e tão fecunda, como que em espontanea revolta, rompe contra as causas accidentaes do entravamento e lampeja para o horisonte do futuro, fachos de intensa claridade, de esperança e conforto.

Sendo um povo jovem, temos um espolio moral de desmarcada grandeza. Temos no tabernaculo da nossa historia – defeza e factos que não cedem em magnitude aos de qualquer outra procedencia.

Os peiores detractores não poderão negar que – physicamente, o brasileiro não é um degenerado: de boa estatura e aspecto, vigor e agilidade pouco vulgares.

Quanto ao character, temos innato o sentimento da independencia, levado até a indisciplina; affeição a ordem, a paz, ao melhoramento, gosto pela hospitalidade, escrupulo no desempenho das obrigações contrahidas; espirito extremo de caridade: produz sempre resultado o menor appello em nome dos que soffrem; tolerancia, ausencia de preconceitos de raça, religião, côr, posição, decahindo mesmo em promiscuidade; honradez no desempenho das funções publicas ou particulares; indolente e generoso, o brasileiro em geral, conserva-se estranho ás desmesurados ambições, machinações e certos vicios, que vemos em outros povos. Os nossos homens de Estado costumam deixar o poder mais pobres do que nelle entram: quasi todos os homens politicos brasileiros costumam legar a miseria ás suas familias.

Os Andradas viveram em aperturas economicas; o visconde de Itaborahy, o conselheiro Francisco J. Furtado, Buarque de Macedo e muitos, muitos outros morreram em extrema pobreza. O visconde do Rio Branco, ministro plenipotenciario, ministro da fazenda, presidente do conselho de ministros, deputado, senador, conselheiro, morreu menos que pobre, tendo sido sua familia obrigada a vender os modestos

moveis, e os seus amigos tiveram de fazer uma subscrição para ajudal-a á manter-se.

Quando foi pelo governo provisório, os jornaes do Rio deram noticia sobre os recursos que tinham ou a profissão que iam recommegar, para viver, os membros de senado dissolvido.

D. Pedro II, é sabido, deixou uma pobre partilha de bens aos seus herdeiros; e a Republica, que o combateu como adversario fundamental, fez honra á sua honradez pondo á sua disposição forte quantia, que elle, aliás, recusou.

Os poderes discricionarios do marechal Deodoro não lhe deixaram uma mancha na reputação de pobreza honrada: ainda hoje a familia vive da pensão e monte pio que lhe cabem por lei.

O immortal Floriano viveu sempre modestamente: toda a sua fortuna pessoal era uma fazenda no Estado de Alagoas.

O presidente Prudente de Moraes era de uma singeleza que admirava.

O contrario disso, é entre nós extraordinaria excepção. Sirvam elles de saudavel exemplo, de pharões bemdictos na procella que faz naufragar tantos escrupulos na actualidade.

A nossa proverbial indolencia não nos impedio nem nos impede de termos progredido e progredirmos sempre. Somos a despeito de tudo, tão adiantados como os paizes de condicções analogas as nossas ou mesmo mais do que elles.

Homem perfeito, disse-o alguem – é aquelle em quem as qualidades levam pequena vantagem aos defeitos.

No caracter brasileiro há saldo consideravel á favor das qualidades.

Tem lhe faltado – cultivo – Tem lhe faltado nacionalisação, para que n'uma inesperada hora solemne, não andemos desorientados.

Amemos, conservemos a nossa patria.

Assim como só bem avalia a inestimável saúde, os que adoecem; assim só fazem idéia da falta da pátria aquelles que lhe choram a ausência.

Que voz de dórida saudade, cantaria no coração soluçante do poeta da Canção do Exílio!

Mentem, mentem os arautos do cosmopolitismo.

Não é leal e sincero aquelle que diz que a pátria é onde se está! Não! Feliz aquelle que só se aqueceu ao fogo dos seus lares, feliz aquelle que cerra os olhos á luz, á luz do sol, sob o azul do céu do seu paiz natal!

Razão sublimada teve o procer romano, que como único grito de recriminação e angústia e dor e pena, disse outr'ora, ao afastar-se da plaga nativa: ingrata pátria não guardarás meus ossos! Outro, brada – a pátria não se leva na sola dos sapatos! Outro ainda e mais e muitos, morrem de não vel-a; o nauta intemerato, pluma vagabunda que balança na crista da onda espumante, o viajante adaptado a toda a raça e a todo o clima, o guerreiro calejado na dureza do combate, todo o musculo de aço, toda a coragem varonil, cede e fraquea ante a doença do amor da pátria ausente, ante a languida e mysteriosa nostalgia soberana! É a doença do desterrado, é a doença da saudade, que stringe o coração, tormenta a alma, explode em lágrimas, desata-se em queixumes e anniquilla e consome e mata – e não consola! É a doença da saudade suspirosa, que se cura com a visita da velha casa paterna, a sombra da arvore que nos viu creança, o fallar da nossa lingua, a toada da nossa trova, a borboleta irisada, filha de outra que perseguimos no tempo ido,, o murmurio – soluço e casquinada – do mesmo resgatinho feiticeiro que nos deu o golo da agua crystalina!

Não creio, não creio e não commungo na utopia dos visionarios do século, que pregam por uma só lingua, n'uma pátria universal.

Em quanto essa utopia, como flor delicada de estufa, medra no ambiente tepido da vaga aspiração, como symbolica pomba de alliança dentro de uma jaula de feras – os paizes blindam-se em malhas de aço, rugem as forjas na fusão do bronze dos canhões, abatem-se sob sacrilegos golpes do machado impiedoso as venerandas arvores seculares, para a construção das naves pavorosas. A mathematica estuda a potencia e a resistencia dos engenhos de destruição e a chimica inexoravel, combina e multiplica a força dos explosivos mais crueis, enquanto o calculo dos governos – como fiel de uma balança maldicta, pesa e avalia o numero dos homens.

Os velhos paizes da Europa que se proclamam os sacerdotes do tabernaculo da civilização, tem creado pela bocca meliflua da sua diplomacia, nomes especiosos e procederes especiaes para a implantação, alargamento e permanencia das suas influencias entre os paizes de além. E a hypocrisia e o feroz egoismo internacional atiram com uma mão o gesto brando da bençã pela paz, depois que tem na outra o gladio que mais corta.

Será sim, ainda por dilatados seculos, a força, a garantia do direito.

Em um seculo pratico, positivo, industrial, mercantil e interesseiro como o nosso, é preciso estar preparado e saber contrabalançar as formidaveis exigencias da luta pela vida.

E, ai! do fraco, ai! da cubigada preza, que não rugir masculamente, que não tiver dentes firmes e garras possantes para se resguardar e defender.

Por isso, em todos os povos da nossa civilização, dá-se hoje e a nossa vista, como que uma concentração sobre si mesmos, uma exagerada renascença do sentimento nacional. Todos elles buscam hoje uma educação systematica desse sentimento, na propria exageração d'elle, um factor de grandeza, de vida e de prosperidade.

O nacionalismo e portanto o patriotismo, sam hoje paixões fortes e dominantes em todos os povos, e o que mais é, paixões racionadas, laboradas por uma sabia e consciente educação guiada e mantida com tenacidade e habil orientação. E dahi o esmerarem-se todas, com perigosa excepção da nossa – no desenvolvimento constante do orgulho nativista.

Quem quer que observe o que se passa neste momento na vida das nações ha-de chegar á conclusão de que não é uma época calma e de horisontes claros a que atravessamos. Na Europa, as velhas nacionalidades sentem-se mal nos seus limites e procuram expandir-se em outras terras onde contam encontrar remedios aos males que as affligem.

Os territorios desoccupados já se distribuiram todos, de sorte que as nações fracas estam em perigo.

Na propria America, o desenvolvimento assombroso da União Americana do Norte com a victoria de sua politica imperialista é, não ha negar, um pesadello para as outras nações do continente.

Accresce ainda, que confinamos com outras nações que positivamente não nos apreciam, não obstante todos os protestos de amizade e fraternidade sul-americana.

Ha uma apreensão que é preciso que desapareça: a separação do territorio nacional em varios estados; mas sobre isso, não só ha, por agora, symptomas serios, como pesa tambem contra ella a tendencia da evolução humana, que é para as grandes agglomerações. A Inglaterra, a Hespanha, a Italia, a Allemanha são frizantes exemplos.

Todos elles eram um amontoado de pequenos territorios e governos locaes varios, que obedecendo aquella lei, se foram juntando, fundindo, unificando, até formarem os grandes e solidos corpos que hoje vemos.

Uma propaganda, de boa fé, mas que parece, só vio o interesse do Brazil por um lado, attrahio e localisou em

determinadas regiões do paiz, innumeras levas de individuos de uma só nacionalidade estrangeira, facto esse, que crea dentro da Grande Patria, outras tantas pequenas patrias de uma immigração forte, pelo numero e pelo vigor e que mais valera disseminada por todo elle. A lucta entre essa gente, incomparavelmente mais forte, mais disciplinada, e nós, não pode ser duvidosa.

O campo de combate será e tem sido primeiramente o das actividades physicas, aquelle que exige maior somma de robustez, de força, e de saude: o commercio, a industria, os officios, a lavoura...

Quem já luctou com os inglezes, quem já expulsou os francezes do Rio de Janeiro e do Maranhão, quem combateu 30 annos e afinal venceu os hollandezes, luctará vantajosamente se quizer, contra qualquer invasor. Não perderemos com facilidade uma autonomia illustrada em 100 annos de opulentas recordações confortantes, passemos embora por tremendas crises, inherentes á condição humana e afinal não sem vantagem, porquanto ensinam e virilizam. Nenhum problema insolúvel, nenhum perigo inevitavel e immediato ameaça o desenvolvimento do Brazil.

Mas na previsão de uma intervenção estrangeira, seria ingenuidade contar com auxilio alheio ou com o prestigio do nosso direito. O recurso consiste na prudencia e elevação do nosso procedimento. Adquiramos força moral: a dignidade e a honra inspiram sempre respeito instinctivo.

A nossa raça, sentem-o todos, se enfraquece e abastarda, sob a influencia de uma instrução publica sem o alevantado ideal patrio, firmemente invocado e incutido, e sob a influencia do clima, peiorada pela falta de hygiene e pela carencia de exercicios.

É indispensavel preparar-nos para, sem recorrer a meios que não consente a nossa civilisação, não nos deixarmos abater e esbulhar, afim de que esta terra que os nossos antepassados crearam e civilisaram e cuja futura grandeza prepararam, seja, principalmente, nossa; afim de que esta terra que nos legaram os

nossos avós, a possamos manter e illustrar, para legal-a as gerações vindouras melhorada, altiva e indivisa. Essa, é a missão nobre da Família, da Escola, da Sociedade, das Religiões, da Politica, da Arte, da Litteratura e da Sciencia.

Do que trago dito concluo pela necessidade urgente de adoptarmos, mantermos e desenvolvermos tenazmente a campanha vivificadora da nacionalisação, de educarmos e fortificarmos o espirito, o sentimento patrio, o amor da tradição, o conhecimento e a consciencia de nós mesmos. A geração que passa, que já se acotovella para o declinio, ao lado dos velhos fortes que subsistem, essa, já pouco poderá influir para a transformação indispensavel, a não ser pelo conselho, apontando com insistencia para o horizonte.

Um grande, fecundo, incomparavel trabalho, cabe á Mãe de familia: a todas que me podessem ouvir, eu diria ainda e sempre:

Ides para o vosso lar: enlevo dos olhos, estuar dos corações, alegria dos beijos, sonhos do puro amor, os pequenos, os filhinhos, vos esperam.

Á cabeceira de cada berço, a nevoa do destino, se conserva indecifrável.

Cada um de vós aneia e sonha por ver a pequenina e fragil semente hoje brotada, transformada amanhã em roble vigoroso, que dê a sombra hospitaleira e que se perpetue.

Assim é: o futuro, sam elles!

Dae-nos, formar para o amanhã da patria, cidadãos fortes, castos, justos, e valentes!

Dae-nos, formar mulheres modestas, firmes, virtuosas!

Feita a Republica, o facto da mudança de forma de governo não foi e não é de per si mesmo bastante para facultar-nos uma era nova de completa regeneração: o arraigamento dos habitos anteriores não se extirpa instantaneamente.

As formas de governo tem um valor relativo: a força progressiva das nações actua de baixo para cima e não de cima para baixo; é no povo que reside e é a somma dos seus esforços em qualquer ordem de phenomenos, que produz a civilisação e o progresso.

A Republica pode e hade ser um bem, por dois motivos de ordem bastante elevada: ella era fatalmente determinada pela nossa evolução historica e circumstancias politicas; a outra razão, é comportar moldes mais amplos, fórmãs politicas e administrativas mais largas que a monarchia, o que para nós, povos americanos, mais que necessario, é indispensavel á nossa evolução.

A historia é feita com um só elemento, o povo; é pois o povo e não o governo, quem em definitiva pode mudar radicalmente as condições de uma nação, cujos vicios e defeitos sam antes seu do que dos que administram, que não são mais que seus delegados.

Sobrou por isso razão a quem disse que – cada povo tem o governo que merece.

É pois a nós mesmos, é ao povo, é a nação que cumpre corrigir e reformar se quizermos realise a Republica as bem fundadas esperanças que brotaram nos corações brasileiros, com o seu desejado e auspicioso advento.

Para reformar e restaurar um povo, um só meio se conhece: é a educação, no mais largo sentido, na mais elevada accepção desta palavra.

Não ha talvez nesta sala, uma só pessoa de mais de 25 annos de idade, que não tenha, no collegio que frequentou – na roça ou nas cidades – que não tenha aprendido o – cathecismo

christão. Cito esta lembrança – como um exemplo da uniformidade, sob um ponto de vista da forma da educação. Neste ponto o clericalismo, sagaz e previdente, soube incutir – constante – a sua orientação no animo popular, especialmente, da mocidade. Pois bem – si a par do cathecismo, como fonte de moral religiosa, nos tivessem incutido juntamente o conhecimento patrio, o valor do civismo, o apreço da solidariedade nacional, não tinha sido uma bella conquista, promissora, e fructificante até, na actualidade? E o modesto cathecismo, não é a theologia, a vasta sciencia dos doutores da igreja: é apenas um ligeiro capitulo, sufficiente para a moral individual; nós não precisaríamos desde logo uma volumosa erudição sobre a nacionalidade, mas as breves e solidas noções indispensaveis para o conhecimento della e o apreço e o respeito que se lhe deve dedicar. É que a escola brasileira isolada na esphera de uma pura e estreita instrucção primaria, não teve, e não tem ainda, influencia decisiva nem na formação do character nem no desenvolvimento do sentimento nacional, da educação civica.

Nada distingue a instrucção publica primaria brasileira, da instrucção publica que se poderia dar em outro qualquer paiz – e na escola brasileira, pode-se dizer que o Brazil, brilha pela ausencia.

O eminente Ruy Barbosa, n'um relatorio que fez sobre a reforma do ensino, diz: - A cultura civica, obrigatoria hoje na escola americana, na franceza, suissa, belga, allemã, italiana, não carece de maior justificação. Tereis instituido realmente a educação popular, si a escola não derramar no seio do povo a substancia das tradições nacionaes? Si não communicar ao individuo os principios da organização social que o envolve? Si não imprimir no futuro cidadão idea exacta dos elementos que concorrem na vida organica do municipio, do Estado? Si não lhe influir o sentimento do seu valor e da sua responsabilidade como parcella integrante do corpo nacional? – É isso – o que não temos.

O amor da patria alenta-se e avigora-se pelo conhecimento do seu passado e do presente e da fé no seu futuro.

A profunda indiferença, feição dominante do nosso character, fez-nos sobretudo desprezar o nosso passado e esse esquecimento lastimavel, foi parte grande nesta nossa falta de sentimento nacional. A historia entre nós, foi tão prodigiosamente desprezada, que só temos – um – historiador brasileiro, o Visconde de Porto Seguro! É com os estrangeiros que teremos de ir aprender a historia do nosso paiz, e sam: Southey, Beauchamp, Constancio, Grant, Henderson, Ferdinand, Denis, e Warden, e Armitage, e outros. Isto basta e dispensa mais commentarios.

Temos, verdade, de ha muito, um Instituto historico e geographico; mas quem lhe conhece os preciosos trabalhos á não ser um reduzidissimo grupo de silenciosos estudiosos?

O ensino da nossa historia patria é mal feito e mal dado. No Brazil esse estudo não é somente descurado, mas não existe, nunca existio, e a consequencia é a profunda ignorancia em que vivemos da nossa historia, soletrando aliás a alheia.

Os poucos compendios que ha, sam inspirados na pedagogia jesuitica – das perguntas e respostas e limitando-se a uma enfadonha nomenclatura de governadores, de reis, de capitães-móres, ou de factos aridos, seccamente expostos.

Na escola primaria, afora a decoração, que é inconsciente, nada mais auxilia, elucida e completa o estudo da historia nacional. O mestre, elle mesmo, que no geral a ignora no fundo e nos detalhes rigorosos, limita-se a tomar a lição, sem uma explicação oral especial. Tomada a lição – ha dois entes satisfeitos – um que cumprio a obrigação official – outro que não mais lerá aquelle trecho.

Todo o ensino tem um fim: o da historia patria é dar-nos conhecimento da origem commum, das difficuldades em commum soffridas e em commum vencidas; a marcha e evolução dos nossos costumes, das nossas leis e da organização do progresso, custosa, lenta, mas seguramente adquirido, a noção exacta da

solidariedade nacional, da disciplina civica, da liberdade obediente e com ella, o amor da patria.

A instrucção publica no Brazil não procurou jamais ter uma função – energica e decisiva na integração do caracter nacional. E a verdade é, que a escola, tem vivido, mais isolada pelo espirito do que pelo espaço. Si nella se tractava de patria, não era com mais cuidado e mais amor do que de outras terras. Era até vulgar merecer menos. Nas nossas escolas, a geographia é apenas um amontoado de nomes, principalmente europeos; mas a geographia patria é quasi ignorada. Achamos um esquisito sabor de novidade em parolar da cataracta do Niagara, do Monte Branco, da Floresta Negra, do Danubio; mas abrimos grandes olhos de pasmo e de duvida si, descrevemos a estupenda superioridade das nossas cachoeiras, da nossa selva maravilhosa, dos nossos rios immensuraveis. Devemos fazer como os outros povos da actualidade: sabem o mais que se pode saber delles proprios e depois procuram saber muito, dos outros.

O livro de leitura, por sua vez, o livro de leitura, que é acaso a mola real do ensino, guarda a mesma indiferença pela infiltração patria; e as suas paginas, cheias de historietas lastimosamente futeis, ou de demasiado alcance para as creanças, ou ridiculamente traduzidos, ou alheios ou deslocados para o meio em que terá de viver e agir o joven estudante; sam paginas brancas para a geographia e a historia da patria, as tradições e os costumes.

Sam os escriptores estrangeiros, que traduzidos, trasladados ou imitados, que fazem a educação da nossa mocidade. Recem, muito recentemente se vae modificando esta rota, em alguns Estados. Sam elles, os pequenos livros, que despertam, no pequeno estudante a primeira impressão, a primeira curiosidade, a primeira pergunta. Qual é de nós hoje, calejado nos attrictos da vida, desilludido pelo roçar dos homens, que não recorda na nevoa do passado saudoso a amavel recitação do Padre Nosso, ao collo

de nossa mãe, cabeceando de somno, estropeando no cochilo, as palavras da sublime oração? Assim, assim se incutam no eu infantil as primeiras ideias do paiz, da raça, da nacionalidade.

Mesmo a generalidade dos livros dos cursos mais adeantados, ainda é de origem e de intuitos estranhos.

Uma sociedade que se preza de civilisada e á quem não sam alheios os interesses das gerações que lhe ham de succeder, não pode sem fallir aos seus deveres, descurar também do fortalecimento physico de seus filhos.

Como a educação intellectual tem por fim preparar um espirito culto e bom, assim á educação physica compete formar um corpo robusto e sam, completando ambas o fim superior da educação, que é tornar o homem bom, instruido e forte. A educação physica, pois, deve tambem tomar o homem, creança ainda e atravez da infancia, da adolescencia e da mocidade, leval-o á virilidade, que lhe cabe fazer o manter rija, casta e valente.

Não só nos collegios, mas nas academias e universidades inglezas, suissas, allemãs, francezas, belgas, italianas, americanas, a educação physica é um são costume tão inveterado e tão respeitado, que quasi faz lei – Na Suissa, as grandes festas federaes que alli se fazem, de tiro, de gymnastica e exercicios militares, não sam apenas manifestações de vigor physico, sam mais, sam verdadeiros meios de educação nacional, pelos sentimentos patrioticos que despertam, pela consciencia da solidariedade dos mesmos esforços, em commum feitos, galardoados pelas mesmas palmas, em commum partilhadas.

A Allemanha, diz o conselheiro Ruy Barbosa, consagra á educação physica um culto que quasi se confunde com o patriotismo. Michel Breal diz que alli, a gymnastica é uma arte nacional.

Na Inglaterra, cujo povo é incontestavelmente o mais forte, o mais energico, o mais viril da actualidade, os exercicios physicos sam, por assim dizer, uma instituição nacional; seus

resultados ali estão patentes. Não nos admiremos pois, que este povo vá conquistando o mundo: sobeja-lhe para isso, audácia, energia e força.

Creemos na nossa mocidade, tão fraca, tão estiolada, com um ar tão envelhecida, isso que um francez illustre chamou de – materia de entusiasmo.

Sentimos abespinhados a sem cerimonia do estrangeiro, que pisa com firmeza, que respira desafogado, que canta, salta, corre e ri saudavelmente, que usa trajos que chamamos exquisitos, mas que lhe dão satisfação para o tempo de calor ou tepido agasalho contra o frio, e, ao envez de examinarmos o porque dessa commodidade desprerenciosa, vamos justamente buscar, e usar, o que elle, sornamente, fabrica apparatusamente pomposo, para exportação. Precisamos sahir do triste receio do commentario, da cobarde preocupação do que dirão os mais, do futil terror do que nós chamamos – o desfructe – porque se salte ou corra ou vibre uma risada: os moços devem ser ruidosos, joviaes, espontaneos, ageis. Não graves, como estadistas, tristes como doentes, meditabundos como prophetas – Devem ser o que sam: moços!

Neste levantamento geral que é preciso promover a favor da educação civica, uma das mais necessarias reformas é a do livro de leitura, primario. Cumpre que elle seja brasileiro, brasileiro pelo assumpto, pelo espirito, pelos auctores trasladados, pelos poetas reproduzidos, pela historia, pela tradição, pelo sentimento nacional que o anime e faça estimar.

Seria um innegualavel triumpho o do escriptor brasileiro, patriota e illuminado, que pudesse vencer o difficultoso problema de fazer um livro de leitura primario, adaptavel e ageitado a tão diversos meios de ser e de existir, no nosso paiz. O famoso e realmente bello livro de D'Amicis – *O coração* – apezar de esplendidamente escripto e soberbamente patriotico, é para lá,

para a gloriosa Italia, que elle tem toda a sua razão de ser. – É sempre a Italia adorada que o escriptor faz resaltar das suas extraordinarias paginas e faz muito bem, que para a creança italiana elle as escreveo; e sendo livro estranho, é talvez o de mais corrente leitura nos nossos primeiros cursos; e não devera ser: envolve a creança nas condicções de clima e habitos que não sam os nossos; leva-a a paysagens cobertas de neve, que não temos, a festas patrioticas que não sam nossas, a scenas e modos de vida que nos sam desconhecidos. É bello, fecundo, lá; para nós – tirante a parte moral, deslocado.

Sonho de ambicionado ideal – fazer, eu, um livro simples, lucido, saudavel, cantante, de alegria e caricioso, que os homens, rindo da sua singeleza o estimassem; que fosse amado pelas creanças, que nelle, com a sua ingenua avidez, fossem bebendo as gottas que se transformassem mais tarde em torrente alterosa de civismo; um livro em que eu pudesse condensar o coração meigo, valente e virtuoso da mãe brasileira; a serenidade dos nossos heróes, a independencia e a firmeza dos nossos maiores, a probidade dos nossos estadistas; um livro vibrante, de que eu pudesse fazer resaltar a terra, o povo, a patria, n'um relevo tão grande, tão firme, tão illuminado, que a impressão da sua leitura fosse eterna; em que rumorejasse a floresta virgem na sua esmagadora solemnidade, em que as grandes aguas dos nossos rios gigantes, espelhassem o sol e os outros, entoando o – hosanna! Da natureza grandiosa.

Em que, das aguas e das selvas, surgissem e desfilassem ante a evocação dos pequenos brasileiros, os traços atrevidos dos bandeirantes lendarios, os negros altivos de Palmares, tamoyos, potiguaras e guaranys adustos, figuras de indias amorosas, Lyndoya, Paraguassú, Moema, iguaes em poesia á Francesca da Rimini, dos cabellos de ouro!

Pelejas nunca perdidas, rasgos de generosidade, iguaes pelo menos, aos maiores de qualquer povo da terra; a inconfidencia mineira; o rei desambicioso de Sam Paulo, a retirada da Laguna – rival da do historiador grego – e tantos e

tantos esplendores patrios, até á abolição, a sciencia, a arte brasileira, e por fim, a Republica, a resplendente liberdade!

Sonhadas paginas, longinquo ideal, que eu pudesse encher com a rima ardente dos poetas, a palavra prophetica dos missionarios, de eterna projecção na nossa historia; o – avante – impetuoso e triumphal dos generaes e almirantes, a eloquencia fogosa dos tribunos brasileiros!

Um livro em que eu pudesse lançar golpes de luz, de gratidão e amor sobre a immensa tela do Brazil mas, entoando a gloria excelsa patria...como um passarinho que voeja por todo o jardim, e que tem o seu galho predilecto na roseira mais amiga e ahi desfere o canto, repousado, assim eu me prendesse mais detidamente ao meo Estado natal.

Era um livro assim, em que se cocretisasse a tradição, a historia, o ensinamento civico e as aspirações patrias, que eu dedicaria, mais vibrante hausto da minha pobre vida, á terra riograndense, mãe de raça forte, tumulto de ossadas venerandas, berço de incomedido patriotismo.

Um livro que vivesse no rancho das margens do Uruguay e no palacio das plagas do Oceano; e que das suas paginas simples e sinceras, fulgisse nitida e vivaz, amorosa, exemplificadora e saudosa, a plaga dos pampas, o berço dos Farrapos, a

"Terra Gáucha!!!"

O homem morre, as gerações se succedem, mas a Patria fica e sobrevive e segue avante, e mais e sempre, librada na saudade dos que tombaram e na aspiração dos que surgem. E quando um povo desaparece, é tão grande o arquejar do seu ultimo suspiro, que ainda hoje, nos ambitos colossaes da grande historia, nós ouvimos com espanto o echo do fragor do desmoronamento dos phantasticos imperios de outras eras!

Pois bem:

Quando, no fim dos tempos, no turbilhão desencadeado das fatalidades, a nação, o povo brasileiro, tenha de anniquillar-se e perecer, seja nascido de ventre brasileiro, o ultimo filho, cidadão soldado, para lançar mão decidida do pavilhão auri-verde – sagrada

imagem da patria quese afunda, e nelle envolto e nelle amortalhado, penetre os humbraes da eternidade, sem deixar ao vencedor mais que a lembrança apavorante de um povo que succumbe, mas não sobreviveo para o escarneio, nem a submissão.

Mas até lá, que a terra do *Cruzeiro*, no cenaculo da paz universal, possa repetir e sustentar o hymno da plaga lusitana; que na tuba da fama, a vóz do passado resôe no futuro: que o verso camoneano, que foi epopea para Portugal, seja prophesia para o Brazil, sempre, quando e onde:

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor, mais alto se alevanta!